

PRÁTICAS PATRIMONIAIS

TERRITÓRIOS & REFERÊNCIAS CULTURAIS



SANTANA do DESERTO

TRADIÇÕES E VALORES PRESERVADOS

Município de Rio Doce - MG

PRÁTICAS PATRIMONIAIS

TERRITÓRIOS & REFERÊNCIAS CULTURAIS

SANTANA do DESERTO
TRADIÇÕES E VALORES PRESERVADOS

R I O D O C E 2 0 2 4

F I C H A T É C N I C A

Esta publicação tem a cooperação da UNESCO no âmbito do projeto “Construção da paz e do diálogo para o desenvolvimento sustentável das regiões atingidas pela barragem de Fundão: fortalecendo a capacidade institucional e de implementação de ações da Fundação Renova”, o qual tem o objetivo de implementar e sistematizar ações estratégicas em projetos de reparação e compensação voltados para as comunidades atingidas pelo desastre ocorrido com o rompimento da barragem de Fundão (MG), com vistas ao desenvolvimento sustentável. As indicações de nomes e a apresentação desta publicação não implicam a manifestação de qualquer opinião por parte da UNESCO a respeito da condição jurídica de qualquer país, território, cidade, região ou de suas autoridades, tampouco da delimitação de suas fronteiras ou limites. As ideias e opiniões expressas nesta publicação são as dos autores e não refletem obrigatoriamente as da UNESCO nem comprometem a Organização.

Pesquisa Histórica: Maria Alice Braga
Produção Textual: Maria Alice Braga | Marilêne A. Marinho
Coordenação Editorial | Revisão de Conteúdo: Marilêne A. Marinho
Colaboração e Revisão: Fundação Renova e Unesco
Projeto Gráfico: Luiz Augusto da Costa
Revisão de textos: Pedro Vianna
Edição: Quantum Projetos
Fotografias: Maria Alice Braga | Acervo Fundação Renova
Colaboração: Secretaria Municipal de Cultura e Turismo de Rio Doce
1ª edição 2024

Esta publicação não pode ser comercializada.

Catalogação na Publicação (CIP)	
P912	Práticas patrimoniais : territórios & referências culturais : Santana do Deserto : tradições e valores preservados / Maria Alice Braga, Marilêne A. Marinho (produção textual). - 1. ed. - Belo Horizonte : [Quantum Projetos], 2024. 44 p. : il. foto. color. ; 21x21 cm. Inclui bibliografia. ISBN 978-85-93889-13-4 1. Santana do Deserto (MG) - História 2. Cidades e Vilas (Minas Gerais) - História 3. Patrimônio cultural - Proteção I. Braga, Maria Alice, 1961- II. Marinho, Marilêne A, 1976-.
CDD: 918.51	

Biblioteca responsável: Fernanda Gomes de Souza CRB-6/2472

Introdução



As cartilhas **“Práticas Patrimoniais: Territórios & Referências Culturais”** fazem parte das iniciativas de Educação Patrimonial desenvolvidas pela Fundação Renova, em cooperação com a Unesco, no contexto do Plano de Reparação das Referências Culturais das comunidades atingidas pelo rompimento da barragem de Fundão.

Os textos e as imagens que compõem estas publicações difundem conhecimento sobre aspectos característicos da história e da cultura das comunidades que se desenvolveram nas planícies e baixadas ao longo dos rios Gualaxo, Carmo e Doce e que foram atingidas de diferentes maneiras.

Contemplando cada uma das localidades de abrangência do Plano de Reparação, em volumes específicos, as cartilhas destacam as principais referências culturais desses territórios, reveladas por meio de testemunhos de seus moradores, como as festas e as celebrações tradicionais, a arquitetura, as paisagens e os lugares de afeto, o artesanato e a culinária, dentre outros saberes e fazeres ancestrais.

Além de ser uma fonte de conhecimento e de valorização da cultura local, esta publicação configura-se como uma importante ferramenta didática a ser utilizada na prática da Educação Patrimonial destinada a um público diverso, seja no universo escolar, seja nos diferentes espaços de convivência dessas comunidades.

Esperamos que esta iniciativa favoreça a ampliação da consciência sobre a riqueza e a importância da história e da identidade de cada um desses territórios. E que igualmente fortaleça, em cada comunidade, o sentido de pertencimento, o apreço pelas tradições e legados culturais, estimulando o exercício pleno da cidadania.



Apresentação

Esta publicação é um convite a você, leitor, a fazer um passeio pelo pequeno e aconchegante lugarejo de Santana do Deserto, no município de Rio Doce, à beira do rio Doce.

Partindo do distrito-sede em direção a Ponte Nova, logo no início do asfalto encontra-se, à esquerda, a estrada de terra que dá acesso à comunidade de Santana do Deserto. São 16 quilômetros de um sinuoso caminho que acompanha o curso do rio Doce, presenteando os olhos 'de quem vê' com uma paisagem exuberante.

Em certo ponto da estrada, um corredor de árvores cujas copas formam um túnel natural de galhos e folhas, anuncia a proximidade do lugarejo. Na chegada, a rua principal atravessa um aglomerado de casas enfileiradas e desemboca no Santuário de Sant'Ana – a Padroeira.

Cercado por montanhas e contornado pelo rio, o lugarejo prenuncia riqueza cultural e tradição: romarias e festas de Sant'Ana e de Nossa Senhora do Rosário, o batuque dos tambores dos congadeiros, os quintais que preservam tesouros, o cheiro de quitanda assando, a hospitalidade e a prosa leve e cativante.

Bem-vindo(a) a Santana do Deserto!



Índice

Entendendo o que é	
– “Referências Culturais” e “Educação Patrimonial”	8
Um pouco de história	10
Paisagens e Lugares	11
Celebrações	17
Formas de Expressão	22
Saberes & Fazeres	30
Glossário	34
Referências Bibliográficas	39

Entendendo o que é:

– “Referências Culturais” e “Educação Patrimonial”



Para conhecer um povo e, sobretudo, para que esse povo se reconheça em toda a sua complexidade e riquezas, é necessário buscar horizontes. O primeiro é através da História. Como surgiu, quais personagens desbravaram suas terras e as ergueram, que ações e feitos atravessaram séculos ressignificando valores.

O segundo é a cultura. Ela possibilita entender os valores que foram sendo construídos com o passar do tempo e que, fruto da ação humana, constituem a essência dos lugares, das comunidades, de cada pessoa, traduzida na identidade e no pertencimento.

Nesse contexto, convidamos o leitor a explorar os sentidos e significados que surgem da interseção entre História e Cultura, pois é nesse entrelaçamento que se desvendam as camadas mais profundas da identidade de uma sociedade e se revela a riqueza de suas tradições e valores.

Referência cultural: é um termo que engloba diversos aspectos da vida social que ganham destaque em razão dos sentidos e valores de importância diferenciada atribuídos pela comunidade. Esses aspectos incluem festas, celebrações, saberes e modos de fazer, formas de expressão, paisagens, lugares e edificações. Entre as muitas categorias que compõem o conjunto das Referências Culturais, destacam-se o artesanato, a culinária típica, as práticas agrícolas e pesqueiras tradicionais, o ofício da benzeção, as festas dos santos padroeiros, as celebrações populares, o congado, as folias de reis, a capoeira, as bandas de música e outras manifestações culturais que são cruciais para a identidade das comunidades que as produzem e vivenciam.

Educação patrimonial: trata-se de um “conjunto de ações destinadas a proporcionar à comunidade os meios para participar, em todos os níveis, do processo de discussão sobre o patrimônio cultural local, de modo a garantir que a reflexão dos conteúdos culturais se faça a partir dos valores próprios da comunidade” (IPHAN, 2014).

Um pouco de História ...



O distrito de **Santana do Deserto** situa-se a 16 quilômetros da sede do município de Rio Doce, em local próximo à formação do rio Doce.

Sua história começou por volta da primeira metade do século XVIII, quando o bandeirante Matias Barbosa da Silva fundou, em 1734, a fazenda Santana do Deserto. Neste local surgiu o povoado de mesmo nome, considerado o mais antigo do município de Rio Doce.

Consta no IPAC-Inventário de Proteção ao Acervo Cultural do município, de 2017, que existem registros da construção da Capela através de documentos, que evidenciam a aprovação episcopal, datados do ano de 1745. Existem também registros da existência da Capela de Santana do Deserto referindo-se a ela como "uma rica posse da viúva de Matias Barbosa, Dona Luísa de Sousa e Oliveira".

Documentos, incluindo registros fotográficos, atestam que a antiga Capela de Santana tinha uma estrutura em planta retangular e pinturas a óleo no forro, compondo o teto. A Capela atravessou séculos, mas foi demolida na década de 1980 para dar lugar a um templo

maior, que viria a ser o Santuário de Santana do Deserto. Na época, o então vigário Padre Sebastião Inácio pediu autorização à arquidiocese de Mariana para construção do Santuário, alegando que a antiga Capela não comportava o grande número de fiéis durante as celebrações.

A comprovação da existência da antiga capela por meio de documentação histórica evidencia a longevidade da ocupação desse lugarejo e sua resistência ao longo dos séculos. A imagem de Sant'Ana é a prova mais contundente desse passado!

Outra constatação de quão antigo é o povoamento de Santana do Deserto é o fato de o local ter sido, em passado remoto, cenário de grandes conflitos com os povos originários da região. Esse fato é corroborado pelo relato do Cônego Trindade, que transcreveu documentos que confirmam tais suposições: "Aos sete dias do mês de maio de 1791 anos, dentro da Capela de Santana do Deserto, filial desta matriz, se deu sepultura a Manuel Monteiro, soldado caçador; não recebeu sacramento algum por morrer violentamente às mãos dos índios".

Hoje, de maneira acolhedora e leve, celebrando suas festividades e fé que resistiram ao teste do tempo, a comunidade de Santana do Deserto acolhe a todos que lá chegam! Com suas irresistíveis quindandas e boa prosa, o convite para um café é pura expressão da hospitalidade característica de Minas Gerais! Salve Santana do Deserto!

A large, stylized, light orange letter 'S' is positioned on the left side of the image, serving as a background element. The entire image has a solid orange background.

Paisagens e Lugares

FAZENDA FLORESTA



A Fazenda Floresta, erguida no início do século XX, em estilo colonial, foi referência no cultivo de café na região. A presença de antigas construções em seu entorno guarda a história de uma fazenda produtiva e rica em tradições. Com área atual de 13 alqueires, a propriedade ainda mantém referências das antigas construções.

O Conjunto Arquitetônico e Paisagístico da Fazenda Floresta, preservado e reconhecido como patrimônio cultural do município de Rio Doce, contempla a edificação-sede, duas casas de colonos, uma tulha com depósito, o antigo armazém, o engenho com casa de luz e um campo de futebol. Este último foi ocupado pela represa de contingenciamento de rejeitos e outro campo foi construído pela Fundação Renova, como ação de reparação. Com o rompimento da barragem de Fundão, parte considerável dos rejeitos acumulados na Usina Hidrelétrica Risoleta Neves foi levada para a Fazenda Floresta que, em função deste processo, atualmente abriga escritórios da mineradora Samarco em sua edificação-sede.

Geraldina Pereira, conhecida como "Nana", filha de Antônio Pereira e Maria Amélia, herdou a fazenda dos pais e a manteve até os anos 1980. Em 1996, a fazenda foi comprada por Antônio César Gonçalves Pereira. A placa comemorativa das "Bodas de Ouro" do casal Antônio e Maria Amélia, antigos proprietários, continua afixada na varanda. Simbolicamente, guarda a memória de tempos e presenças que fizeram a história e o cotidiano da fazenda e, por extensão, de Rio Doce.



O SANTUÁRIO DE SANTANA DO DESERTO

O Santuário de Santana do Deserto foi construído na década de 1980 pelo padre Sebastião Inácio de Moura, vigário da Matriz de Santo Antônio, em Rio Doce, por mais de vinte anos.

O local que hoje abriga o Santuário tem raízes na antiga Capela de Senhora de Sant'Ana, mãe da Virgem Maria, cuja construção retangular de dois pavimentos remonta à primeira metade do século XVIII. Sua derrubada foi justificada pela necessidade de acomodar o crescente número de fiéis durante as celebrações. Com arquitetura contemporânea, o Santuário, construído no lugar da Capela primitiva, é notável pela magia de seus vitrais, que retratam a história de Cristo em grandes janelas com motivos bíblicos. Quando a luz do sol se reflete nos vidrilhos coloridos, o cenário se torna ainda mais surpreendente e envolvente.

O local abriga um memorial em homenagem ao padre Sebastião, que viveu em Santana do Deserto, junto com sua irmã, Noemi de Moura, de 1994 a 2009, quando veio a falecer. O memorial tem um acervo de objetos e documentos que pertenceram ao padre, como fotografias e vestes sacerdotais. Também faz parte do Santuário outro anexo, chamado "Sala dos Milagres", um espaço dedicado a orações e reuniões.

O largo do Santuário, sombreado por frondosas árvores, recebe as romarias que partem de Rio Doce, de Ponte Nova, de Santa Cruz do Escalvado e de outros municípios da região.

Ao longo do ano, o Santuário é palco de diversos eventos religiosos, como as celebrações em honra a São Sebastião, em janeiro; as cerimônias da Semana Santa; a celebração de Corpus Christi e a Festa de Nossa Senhora do Rosário. Mas o grande acontecimento do calendário religioso anual é a festa de Sant'Ana, a Padroeira do lugar, realizada nos dias 25 e 26 de julho. Juntamente com a Caminhada de Santana, realizada no primeiro domingo do mês de julho, a Festa da Padroeira atrai milhares de fiéis. O Santuário faz parte do "Caminho de São José" e a "Caminhada de Sant'Ana" corresponde ao trecho de 17 quilômetros entre a sede do município de Rio Doce e Santana do Deserto. Esta rota de peregrinação – uma importante tradição local – está enraizada na fé e na devoção à Senhora de Sant'Ana.



O CEMITÉRIO

O Cemitério de Santana do Deserto está localizado na parte alta do distrito, ao norte do Santuário de Sant'Ana. Foi construído em 1964, sendo todo cercado por muro de alvenaria, com tijolos feitos na própria região, segundo depoimento de um morador. O piso simples, árido, sem a presença de lápides, é demarcado pelas muitas cruzes que indicam o local das sepulturas. No centro do cemitério existe um Cruzeiro, feito em concreto, que substitui o primitivo, feito de madeira. Era ali, aos pés do Cruzeiro, onde aconteciam as rezas para a chuva cair e acabar com a seca! Esta era uma manifestação do povoado, que ficou no passado e na lembrança, acessada durante as conversas e nos *causos* contados por moradores. A pequena Capela ao fundo demarca o fim da passarela de blocos que corta simetricamente o cemitério. Os cuidados com limpeza e manutenção ficam a cargo da comunidade, que mantém os ritos dos mortos segundo a tradição.

Respeitando os antepassados que, em vida, foram importantes para a comunidade, esses ritos são traduzidos pelo empenho e reconhecimento do cemitério como um local sagrado de Santana do Deserto.

O PONTO DA BARCA



O Ponto da Barca sempre foi um marco para o distrito de Santana do Deserto. E local de passagem dos moradores para o outro lado do rio Doce, onde se encontra o município de Santa Cruz do Escalvado.

Durante um tempo, após o rompimento da barragem, a balsa ficou interditada. Atualmente, segundo os moradores, foram retomadas as operações de travessia do rio, embora o movimento de pessoas seja bem menor do que era antes do rompimento.

Local repleto de memórias e histórias, o *Ponto da Barca* está localizado muito próximo ao Santuário de Santana, na área central da comunidade. Durante a festa da padroeira, um dos momentos mais significativos é a solene travessia da bandeira da Senhora de Sant'Ana pelo rio Doce, trazida de alguma comunidade vizinha, como Merengo ou Nova Soberbo, pertencentes ao município de Santa Cruz do Escalvado. É por meio dessa travessia de barca que muitos fiéis de diversas comunidades da região chegam para participar das celebrações.

Próximo ao *Ponto da Barca*, uma escadaria íngreme permanece discretamente oculta pela vegetação circundante, servindo de caminho alternativo para acessar o Santuário de Santana do Deserto.

Atualmente, o *Ponto da Barca*, cercado pela vegetação, retoma sua função de ponto de travessia - um elo que possibilita a reunião e a interação entre as comunidades situadas em ambos os lados do rio Doce e em toda a vasta região banhada por suas águas. Um ponto que faz a "ponte", liga territórios e permite o (re)encontro de pessoas e o reviver de suas tradições!



A QUADRA POLIESPORTIVA

A **quadra poliesportiva de Santana do Deserto** ocupa lugar de destaque na comunidade, ao norte do Santuário de Santana, no ponto mais alto da região. Está assentada em um amplo terreno plano, cujo acesso se dá por via local não pavimentada e de baixo fluxo de veículos e pedestres. Em suas proximidades, em um nível um pouco mais baixo, está o cemitério, acessado pela mesma via.

A construção da quadra responde a uma demanda dos moradores por um espaço amplo para abrigar eventos, competições esportivas e outras atividades de lazer e entretenimento, principalmente voltadas para o público infantojuvenil do distrito. Modalidades de esportes como vôlei, futebol e basquete poderão ser empreendidas no espaço, assim como encontros e festas públicas.

A quadra, erguida em estrutura mista de concreto armado e aço, segue padrões contemporâneos de construção. Sua cobertura em treliça semicircular dita a volumetria e a estética do complexo. A partir do “alto da quadra” é possível desfrutar, de uma vista panorâmica privilegiada, o distrito de Santana do Deserto e seus arredores.

As obras da quadra permanecem inacabadas neste primeiro semestre de 2024. A comunidade de Santana do Deserto aguarda o momento de poder usufruir deste espaço tão especial e necessário para todos!





Celebrações

A FESTA DE SANT'ANA



A festa de Sant'Ana atravessou séculos e preserva o culto à mãe da Virgem Maria, Senhora Sant'Ana, padroeira da comunidade. Anualmente, é o evento mais aguardado de Santana do Deserto!

A novena em homenagem a Sant'Ana tem início no dia 17 de julho e se estende até o dia 25. A cada ano, reúne fiéis devotos, não apenas do distrito de Santana do Deserto, mas também de outras localidades dos municípios de Rio Doce, de Santa Cruz do Escalvado e outros municípios vizinhos.

No dia 25, às 14 horas, é realizada a celebração de batizado de fiéis de toda a região. Nesse mesmo dia, no *Ponto da Barca*, ao entardecer, acontece a chegada da bandeira de Sant'Ana. Uma barca, toda enfeitada, atravessa o rio Doce transportando a bandeira de Sant'Ana junto aos seus guardiões - uma família responsável pela guarda da bandeira e que, neste dia, a carrega em ritual de fé. Esses guardiões provêm de comunidades de Santa Cruz do Escalvado, como Merengo ou Pedra do Escalvado, ou de Rio Doce. No ano anterior à festa, eles são designados para zelar e proteger a bandeira.

Após o rompimento da barragem de Fundão, o ritual da bandeira passou a ser realizado por terra. No entanto, segundo depoimento de moradores, em 2022 retornou à sua tradicional realização, via travessia do rio.



Ainda no *Ponto da Barca*, os padres da paróquia de Sant'Ana recebem a bandeira e a levam para o Santuário, onde é celebrada uma missa solene. Após a missa, tem o levantamento do mastro, acompanhado de cânticos de louvor e orações.

No dia 26 de julho, dia de Sant'Ana, as celebrações das missas ocorrem ao longo de todo o dia, estendendo-se até às 15 horas. Entre uma celebração e outra, nos arredores do Santuário uma multidão de gente se aglomera entre muitas barraquinhas de comidas, artigos religiosos e produtos de comércio ambulante. Após a última missa, os fiéis saem em procissão, acompanhando a santa, carregada em um andor cuidadosamente ornamentado de flores. Devotos se revezam na condução do andor durante o trajeto da procissão.

Fé, solidariedade e tradição marcam o evento. A festa de Sant'Ana continua atraindo centenas de devotos fiéis, vindos de cidades vizinhas e de regiões distantes. Eles seguem preservando os valores e significados da festa e reforçando o compromisso de um povo para com a sua história, suas raízes ancestrais e o nome que dignifica "SANTANA DO DESERTO".





A FESTA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO EM SANTANA DO DESERTO

A festa de Nossa Senhora do Rosário, em Santana do Deserto, é realizada em um dos finais de semana da primeira quinzena de outubro, em data flexível, dependendo do dia da semana em que cai o dia 07, Dia de Nossa Senhora do Rosário. Geralmente, a festa ocorre no final de semana mais próximo a esta data.

No sábado que antecede a celebração, a noite é marcada pelo hasteamento da bandeira, seguido de uma programação cultural que inclui o tradicional bingo e shows de cantores da região. A noite de festa, que acontece no largo em frente ao Santuário, termina com um animado “forró”.

O domingo começa com um generoso café servido no restaurante próximo ao Santuário, onde o grupo de Congado de Santana do Deserto dá as boas-vindas às guardas de congado convidadas. Pela manhã, a praça fica repleta de cantorias e convidados. O almoço é servido ao meio-dia.

À tarde, a partir das 14h30, os grupos congadeiros partem em cortejo para buscar a rainha, e em seguida o rei, em suas casas. Daí seguem para o Santuário onde, às 15 horas, é celebrada a missa em honra de Nossa Senhora do Rosário. Logo em seguida, acontece a coroação dos novos rei e rainha, marcando a passagem da coroa. O rei e a rainha do ano passam ‘o bastão’ para os novos candidatos, que, muitas vezes, motivados pelo agradecimento à santa ou por alguma promessa, assumem a responsabilidade de organizar parte da festa no próximo ano. Festejos e louvações encerram as celebrações, assegurando a continuidade da fé e do patrimônio cultural representado pela “Festa de Nossa Senhora do Rosário”.

Em Santana do Deserto, essas comemorações ainda se mantêm graças ao protagonismo dos moradores e da Guarda de Congado de Nossa Senhora do Rosário local. Guardas de congado visitantes, vindas de várias regiões, como Sem Peixe, Acaiaca, Dom Silvério, Ouro Preto e outras, se unem na preservação e fortalecimento dos rituais que herdaram de seus antepassados. Tudo isso motivado pelo compromisso com a tradição, com os devotos e, acima de tudo, com a fé em Nossa Senhora do Rosário.



Formas de Expressão

O CONGADO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE SANTANA DO DESERTO



O Congado de Nossa Senhora do Rosário de Santana do Deserto tem suas raízes no final do século XIX. Segundo relatos orais, o fundador foi o Sr. Joaquim Luiz, que passou o legado para seu filho, Sr. Chico Luiz, e para outros importantes capitães, como o Sr. Murilo, seguido por seu filho, o Sr. Geraldo da Silva. O terno do congado de Santana do Deserto é de Marujos, apesar de não existir registros ou documentos que identifiquem seus elementos constitutivos.

Durante um longo período, a Guarda de congado permaneceu inativa, até que o esforço conjunto de José Afonso e Maria Auxiliadora Costa (Dodôra) fez o congado voltar à ativa. Realizaram encontros para ensaios e o resgate de cânticos e embaixadas. O Sr. Murilo da Silva desempenhou um papel importante no retorno da Guarda, sendo conhecido por sua paixão em entoar cânticos antigos e pela habilidade em construir tambores.

Os integrantes da Guarda de Marujos de Santana do Deserto - mulheres e homens, jovens, adultos e crianças – vestem calças e blusas brancas, saias azuis ou rosas. Sobre a cabeça, uma espécie de coroa ornamentada de flores, fitas e espelhos para refletir o “mau-olhado”. O capitão, ou 1º mestre, usa quepe branco, além da faixa transversal no peito, que identifica sua função de comando no grupo. Com sua espada em punho, ele vai à frente da Guarda, abrindo os caminhos. As caixas e pandeiros são os principais instrumentos que, junto ao som da batida das espadas, ditam o ritmo da dança: com passos cruzados, dançantes da guarda batem a espada em formato de cruz no chão e no ar. Ao som dos cânticos marcados pelo tamboril, os congadeiros manifestam suas narrativas de origem, de ancestralidade e de fé, resignificadas sob as forças do tempo.

Patrimônio cultural imaterial de Rio Doce desde 2011, o Congado mantém viva essa tradição intimamente ligada à formação da identidade cultural do distrito. Sua preservação é sinônimo de riqueza para a cultura de Santana do Deserto e do município de Rio Doce!

A CAMINHADA DE SANT'ANA



A Caminhada de Sant'Ana teve início nos anos 1980 e até hoje é um evento muito esperado, que marca as comemorações da festa da padroeira, Senhora Sant'Ana. Entre a sede de Rio Doce e o distrito de Santana do Deserto são 16 quilômetros de estrada de terra.

Anteriormente realizada no dia 17 de julho, a “Caminhada de Sant'Ana” agora acontece no segundo domingo do mês. Na véspera, a imagem da Senhora Sant'Ana é levada de Santana do Deserto para o distrito-sede de Rio Doce em um andor todo ornamentado de flores. A população recebe a imagem na entrada da cidade e segue em procissão até a Matriz de Santo Antônio, onde é celebrada uma missa solene.

No domingo, os caminhantes se reúnem na Matriz e saem em caminhada, às sete horas da manhã, para retornarem com a imagem de Sant'Ana ao Santuário de Santana do Deserto. A caminhada chega ao seu destino por volta do meio-dia. Lá, os fiéis devotos são recebidos com um farto almoço, fruto da solidariedade que envolve não apenas a comunidade local, mas também pessoas de outras localidades, como Sem-Peixe, Santa Cruz do Escalvado, Dom Silvério, Alvinópolis e Rio Doce.

O Sr. João Anastácio, antigo morador de Santana do Deserto, e já falecido, foi por muitos anos o grande provedor desse ato solidário. Atualmente, Auxiliadora Ribeiro Mateus, conhecida como “Dôra”, moradora de Santana, zeladora do Santuário, é uma das lideranças do grupo de voluntárias encarregadas de preparar o almoço. O cardápio tradicional inclui arroz, feijoada, farofa, macarrão e carne de panela. Todos são convidados ao banquete, preparado e servido com muito zelo e fartura.

Segundo “Dôra”, nas últimas “Caminhadas de Santana” tem-se testemunhado uma participação cada vez mais numerosa de fiéis. Marcada pela fé, pela união e pela generosidade, a comunidade de Santana não mede esforços em manter viva a tradição, como forma de resistência, resiliência e compromisso contínuo em honrar sua história e valores!





OS USOS DA TERRA EM SANTANA DO DESERTO

Grandes fazendas se destacaram na região de Rio Doce desde o início do século XX, como a Porto Alegre e a do Engenho, onde também pipocavam pequenos sítios e propriedades rurais espaçados, a maioria ligada à agropecuária, setor econômico no qual o município ainda se mantém ancorado. Nesse ambiente agrícola e campesino, a cultura ligada aos animais de tração, como cavalos e muares, sempre teve papel preponderante. Nesse contexto, algumas tradições ligadas à vida no campo e à lida cotidiana com a produção agropecuária floresceram no município de Rio Doce, assim como em outros municípios vizinhos. Entre elas se destacam as cavalgadas e encontros de cavaleiros, que provavelmente têm suas raízes em eventos religiosos do passado.

Hoje, em Santana do Deserto, como nas demais localidades rurais da região, a dinâmica da economia vincula-se à agricultura de base familiar, à pesca e ao garimpo. Nessas localidades é marcante a criação de gado leiteiro (com a produção de seus derivados como queijo, requeijão e manteiga) e de corte; a produção de milho (para consumo humano e produção de fubã, broa, curau e pamonha, bem como para o trato de animal) e de cana-de-açúcar (para produção de rapadura e cachaça).

Destaca-se, na maioria das casas de Santana do Deserto, a presença e importância dos quintais, com hortas, pomares e estruturas para criação e apoio às atividades domésticas. O rio frequentemente delimita as propriedades, expandindo o verde para além dos quintais e unindo a vizinhança por meio do curso d'água. Espaço importante das casas ribeirinhas, os quintais sustentam saberes e fazeres tradicionais dessas comunidades, como as formas de plantio, o cultivo e o uso das plantas medicinais e as práticas culinárias. Boa parte da alimentação provém dos produtos cultivados nos quintais. A produção familiar e comunitária, resultante dos usos da terra, contribui para a conformação do núcleo urbano e da paisagem do lugar.

O rompimento da barragem de Fundão teve um impacto significativo não apenas nas lavouras de milho e feijão, mas também na dinâmica dos quintais e das hortas. Como resultado, afetou o artesanato local e a culinária. Por exemplo: a produção de balaio de taquara foi interrompida, à medida que a produção de grãos na lavoura diminuiu. A utilidade prática dos balaio diminuiu e a própria matéria-prima tornou-se escassa. O rompimento afetou diversas áreas de cultivo na região de Santana do Deserto, modificando a relação da comunidade com a produção de subsistência. No entanto, essa comunidade, marcada pela resistência e resiliência, continua sua busca por um novo começo, pautando-se nas histórias e tradições que permanecem vivas na memória coletiva de seus habitantes.



O SANTANA FUTEBOL CLUBE



Na região do alto rio Doce há registros de jogos de futebol que remontam há mais de um século. Em Rio Doce, município pertencente a essa região, a prática do futebol é uma tradição de longa data. O campo de futebol da histórica Fazenda Floresta, utilizado por moradores de Santana do Deserto até o rompimento da barragem de Fundão, é um marco dessa tradição no município, com mais de 70 anos de existência, segundo relatos de antigos moradores.

Foi a partir dos anos 1980 que os times passaram a se organizar, com nomes, escudos, uniformes e a participação em campeonatos. *O Esporte Clube Rio-docense*, fundado em 1986, é o time mais tradicional do município. Provavelmente foi nessa mesma década que o *Santana Futebol Clube*, que representa o distrito de Santana do Deserto, se organizou. O time costumava treinar e jogar na Fazenda Floresta, ficando conhecido como “Time da Floresta”. Com uniformes nas suas tradicionais cores verde, vermelho e branco, o *Santana F.C.* conquistou alguns vice-campeonatos municipais e se destacou na década de 1990, quando era coordenado por José Bonifácio de Oliveira, conhecido como “Zé Natim”.

A large, stylized, light orange letter 'S' is positioned on the left side of the image, serving as a background element. The text 'Saberes & Fazeres' is centered in the middle of the image in a bold, black, serif font.

Saberes & Fazeres

SABOR DE MEMÓRIAS: MODOS DE FAZER QUITANDAS



A Associação Comunitária Rural de Santana do Deserto reúne um grupo de mulheres da comunidade, dedicadas à produção artesanal de biscoitos e quitandas. Em 2008, cerca de vinte mulheres uniram esforços e fundaram a Associação, com o objetivo de criar oportunidades de trabalho e renda. Cada uma contribuiu com o que podia – utensílios de cozinha, receitas, matérias-primas e lenha – e começaram a produzir biscoitos.

Com organização e foco na produção de quitandas, passaram a se reunir no espaço da antiga escola de Santana do Deserto, localizada nas proximidades do Santuário de Sant'Ana. Adquiriram um forno a lenha, geladeira, vasilhames e, com a venda dos produtos, foram equipando a Associação com novas aquisições. Tão logo se estruturou, a Associação passou a estabelecer contratos com outros municípios, como Sabará e Santa Cruz do Escalvado, para fornecimento de quitandas. Além disso, passou a expor produtos em feiras na sede, Rio Doce, e no município de Ponte Nova. A cidade de Nova Lima e a capital, Belo Horizonte, foram clientes fiéis da Associação.





Hoje em dia, com um grupo de oito quitandeiras que trabalham em conjunto, a Associação mantém suas vendas para escolas, creches e, por meio de editais, para prefeituras. Também atende encomendas de clientes particulares.

A produção é diversificada, incluindo rosquinhas de leite, tarecos de coco, broinhas de fubá e biscoitos de polvilho. A Associação também desenvolveu uma identidade visual, com logotipo próprio e embalagens personalizadas, cuidando da divulgação e das vendas.

Unidas e se apoiando mutuamente, as quitandeiras da Associação preservam as receitas e os saberes ancestrais relacionados aos modos de fazer quitandas. A tradição herdada de suas mães e avós – saberes e sabores que atravessam o tempo, para além de gerar trabalho e renda – continua gerando identidade cultural e grande importância social para o distrito de Santana do Deserto.



GLOSSÁRIO

BEM CULTURAL – Um bem cultural é um produto da cultura ou uma manifestação da dinâmica cultural que merece proteção devido ao valor e significado que detêm para um grupo específico, uma comunidade ou sociedade. Esses bens podem ser classificados como de natureza material - tangíveis e identificáveis por sua forma física, abrangendo edificações, móveis e objetos; ou de natureza imaterial - relacionados a práticas sociais, como saberes, ofícios, celebrações, expressões artísticas e lúdicas, bem como locais que abrigam manifestações culturais coletivas, como mercados, feiras e santuários¹.

CULTURA – “(...) conjunto dos traços distintivos espirituais e materiais, intelectuais e afetivos que caracterizam uma sociedade ou um grupo social e que abrange, além das artes e das letras, os modos de vida, as maneiras de viver juntos, os sistemas de valores, as tradições e as crenças” (UNESCO, 2001).

COSTUMES – Hábito, prática cotidiana, modo de pensar e agir característico de pessoa ou grupo social. São regras sociais resultantes de uma prática reiterada de forma generalizada e prolongada em cada sociedade e cultura específica que, com o passar do tempo, acabam por se tornar prática comum enraizada na cultura social. No âmbito do Direito, os costumes são as ordens sociais racionais e contemporâneas, que servem como fonte da criação de algumas leis que regem a conduta da sociedade.

DIVERSIDADE CULTURAL – “...refere-se à multiplicidade de formas pelas quais as culturas dos grupos e sociedades encontram sua expressão. Tais expressões são transmitidas entre e dentro dos grupos e sociedades. A diversidade cultural se manifesta não apenas nas variadas formas pelas quais se expressa, se enriquece e se transmite o patrimônio cultural da humanidade mediante a variedade das expressões culturais, mas também através dos diversos modos de criação, produção, difusão, distribuição e fruição das expressões culturais, quaisquer que sejam os meios e tecnologias empregados” (UNESCO, 2005).

¹ Disponível em portal.iphan.gov.br. Acesso em ago/2023.

ESTILO ARQUITETÔNICO COLONIAL – É o estilo difundido durante o período colonial brasileiro (1530-1815), onde os materiais e o processo de construção apresentam identidades específicas e marcantes. Muitas edificações nesse estilo apresentam características barrocas ou neoclássicas. Os nomes de destaque da arquitetura colonial em Minas Gerais são Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, e Manuel da Costa Ataíde, que influenciaram profundamente a arquitetura que se desenvolveu em todo o território. No período colonial, além das expressões arquitetônicas, houve um florescimento das artes plásticas, incluindo escultura e pintura, juntamente com a composição musical destinada às celebrações religiosas e festividades. E a tradição perdura até os dias atuais, mantendo-se viva em todo o interior do estado.

IDENTIDADE – É tudo o que diferencia e identifica uma pessoa, um grupo social, político, étnico, religioso e outros. Os marcos do passado constituem parte da memória social e da identidade cultural das comunidades. O passado solidifica a identidade presente e permite o vislumbre do futuro. Não existe identidade sem passado.

IEPHA-MG – “O Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico- Iepha-MG- é uma fundação vinculada à Secretaria de Estado de Cultura que atua no campo das políticas públicas de patrimônio cultural”. É função do Instituto pesquisar, proteger e promover os bens culturais de natureza material e imaterial de Minas Gerais, em parceria com os órgãos municipais e federal. Além de acompanhar e realizar obras de restauração de bens culturais, o Iepha-MG implementa ações de cooperação municipal, por meio do ICMS Patrimônio Cultural, e produz inventários, dossiês de registro e tombamento, bem como promove ações de salvaguarda do patrimônio de Minas Gerais².

INVENTÁRIOS – Para o Patrimônio Cultural, inventariar os bens significa produzir um conhecimento que necessariamente parte do estabelecimento de critérios, pontos de vista e recortes sobre determinados universos sociais e territoriais. São modos de produção de conhecimento sobre bens culturais para identificá-los e valorizá-los como patrimônio cultural. Trata-se de um instrumento que permite conhecer a fundo um bem cultural, seja de natureza material ou imaterial, e que auxilia nas políticas de preservação do patrimônio cultural.

² Disponível em iepha.mg.gov.br. Acesso em ago/2023.

IPHAN – O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional é uma autarquia federal vinculada ao Ministério da Cultura, responsável pelas políticas nacionais de patrimônio cultural. Com autonomia técnica, administrativa e financeira, o IPHAN possui representações em todos os estados brasileiros e no Distrito Federal—as chamadas Superintendências Estaduais—, além de 27 Escritórios Técnicos.

MEMÓRIA – Lembranças, reminiscências, vestígios. Aquilo que serve de lembrança. A memória permite a construção da identidade individual e coletiva. Estabelece a relação entre o passado e o presente e permite vislumbrar o futuro. Por ser um elemento vivo, a memória está sujeita a modificações e alterações.

NÚCLEOS HISTÓRICOS – Espaços onde é possível vivenciar as transformações no país, estados e cidades ao longo do tempo. Através da preservação de expressões próprias de cada período histórico, as cidades, com seus núcleos históricos, representam as referências de ocupação humana. São lugares importantes, que compõem o Patrimônio Cultural.

ORATÓRIO – Mobiliário—nicho, ou pequeno altar, que contém imagens de santos, destinado à devoção. Desde os tempos coloniais se espalharam pelas fazendas, senzalas e todo tipo de residência. Ainda nos dias de hoje é um local nas casas onde as pessoas realizam suas orações.

PAISAGEM CULTURAL – A paisagem cultural é sempre compreendida como um espaço abrangente que engloba elementos materiais construídos associados a morfologias e processos naturais específicos, vinculados a conteúdos e significados socialmente atribuídos. Ela carrega “a marca das diferentes temporalidades da relação dos grupos sociais com a natureza, aparecendo, assim, como produto de uma construção que é social e histórica e que se dá a partir de um suporte material, a natureza. A natureza é matéria-prima a partir da qual as sociedades produzem a sua realidade imediata, através de acréscimos e transformações a essa base material” (SCIFONI, 2016, s/p.).

PATRIMÔNIO CULTURAL – O patrimônio cultural surge das referências culturais profundamente enraizadas na história de um grupo, transmitidas através das gerações. É sempre coletivo, ligando as pessoas em torno de uma história, construções, celebrações ou lugares de significado compartilhado e que carregam o desejo de compartilhar essas referências com as gerações futuras. Dentro da cultura de um lugar, certos elementos ganham o status de patrimônio cultural devido à sua importância e significado. Eles se tornam representativos do grupo, conferindo identidade. O patrimônio cultural costuma ser tão

arraigado na vida das pessoas que muitas vezes sua importância é difícil de expressar, mas sua ausência seria sentida. Exemplos: paisagens locais, práticas culinárias, celebrações tradicionais, danças, músicas e brincadeiras. Como aponta Cecília Londres, “Patrimônio é tudo o que criamos, valorizamos e queremos preservar: são os monumentos e obras de arte, e também as festas, músicas e danças, os folguedos e as comidas, os saberes, fazeres e falares. Tudo enfim que produzimos com as mãos, as ideias e a fantasia” (IPHAN, 2012, p.5).

PATRIMÔNIO CULTURAL MATERIAL – Diz respeito aos bens físicos, tangíveis, produzidos pela ação do homem. Segundo o Decreto Lei nº 25/1937, é o conjunto de bens culturais móveis e imóveis existentes no País e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos do passado importantes para a história do Brasil, quer por seu excepcional valor arquitetônico, arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico.

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL – Diz respeito a todos aqueles processos que definem as formas de ser e de viver dos grupos, suas identidades sociais, visões de mundo, memórias coletivas, elementos simbólicos, saberes e práticas.

Algumas categorias: celebrações, saberes e ofícios, formas de expressão, lugares.

REGISTRO – Instrumento de proteção e preservação dos bens culturais imateriais criado pelo governo brasileiro por meio do Decreto nº 3.551, de 4 de agosto de 2000. São 4 os livros de “Registro de Bens culturais de Natureza Imaterial”: Livro de Registro dos Saberes; Livro de Registro das Celebrações; Livro de Registro das Formas de Expressão e Livro de Registro dos Lugares. Assim como o instituto do tombamento, o registro pode ser aplicado em níveis federal, estadual ou municipal, com suas respectivas legislações.

REPARAÇÃO – Medidas de reconstrução, recuperação e reabilitação dos danos causados direta ou indiretamente por um desastre, que pode ser de natureza ambiental, climática ou tecnológica, quando é requerida a adoção de estratégias que visem o “reconstruir melhor”, evitando o surgimento de novos riscos, reduzindo os já existentes e desenvolvendo formas de compensar as perdas materiais, econômicas e sociais das comunidades e indivíduos atingidos.

SALVAGUARDA – O termo “salvaguarda” remete à ideia de proteção ou garantia. No campo do patrimônio, refere-se a toda e qualquer ação ou processo destinado à preservação dos bens culturais de natureza imaterial, incluindo a identificação, documentação, investigação, preservação, proteção, promoção, valorização e transmissão³. O termo tem equivalência com a noção contemporânea de preservação, que visa a garantir a viabilidade do bem cultural.

SÍTIOS NATURAIS – Áreas de importância natural e cultural, cujo manejo está intimamente relacionado com os modos de vida das comunidades. Ex.: rios, córregos, cachoeiras, ilhas e praias do rio Doce, além de marcos paisagísticos.

SUSTENTABILIDADE CULTURAL – Sustentabilidade abrange a “promoção do equilíbrio global entre as condições ambientais, sociais, culturais e políticas, considerando as variadas sociedades humanas”. Sustentabilidade cultural, por sua vez, é alcançada quando o bem registrado está inserido em circunstâncias sociopolíticas e ambientais apropriadas, sem ameaças diretas que afetem sua produção, reprodução e transmissão (BRASIL, 2012, p.53).

TOMBAMENTO – O tombamento foi instituído em nível federal pelo Decreto-Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, sendo um dos principais instrumentos jurídicos oficiais de proteção do patrimônio cultural que podem ser feitos pelos governos federal, estadual e municipal, com suas respectivas legislações. Em função do interesse público, o instituto do tombamento tem por objetivo garantir, em caráter obrigatório, a preservação de bens materiais, públicos ou privados, aos quais se atribui valor cultural para a comunidade na qual estão inseridos.

TRADIÇÃO – Palavra com origem no termo em latim traditio, ou o ato de transmitir, passar adiante. A transmissão oral de fatos, conhecimentos, de costumes, comportamentos, memórias, rumores, crenças e lendas de idade para idade, de geração para geração.



³ Disponível em: unesco.org. Acesso em jul/2023.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Entrevistas:

ENTREVISTA concedida por Adriana Aparecida a Maria Alice Braga para o projeto Cartilha “Territórios & Referências Culturais” - Rio Doce/Comunidade Santana do Deserto/MG.

ENTREVISTA concedida por Auxiliadora Ribeiro Mateus a Maria Alice Braga para o projeto Cartilha “Territórios & Referências Culturais” - Rio Doce/Comunidade Santana do Deserto/MG.

ENTREVISTA concedida por Geraldo Marcelino Miranda a Maria Alice Braga para o projeto Cartilha “Territórios & Referências Culturais” - Rio Doce/Comunidade Santana do Deserto/MG.

Bibliografia:

ARANTES, Antônio Augusto (organização). *Produzindo o Passado: Estratégias de Construção do Patrimônio Cultural* – Texto II – Eunice Ribeiro Durham, p. 24 a 58 – Ed. Brasiliense. 1984.

BRASIL. Ministério da Cultura. Secretaria da Identidade e da Diversidade Cultural - 2010. Secretaria da Cidadania e da Diversidade Cultural - *Plano Setorial para as Culturas Populares/MinC/SCC* - Brasília, 2012. 100 p.

CUNHA, Celina Gontijo. *A Prática da Benzedeira: memória e tradição oral em terras mineiras*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras. 2018.

EXPRESSÃO SOCIOAMBIENTAL. *Diagnóstico e Avaliação de Impactos em Mariana* – Turismo, Cultura, Esporte e Lazer – Expressão socioambiental – Pesquisa e Projeto. Mariana, s/d, 324p.

FORTUNA, Carlos. Patrimônio, turismo e emoção. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 97, p. 23-40, 2012.

FUNDAÇÃO RENOVA. *Diagnóstico das Referências Culturais* (volumes 1 a 4). Mariana, MG, 2022. No prelo.

GUEDES, Maria Tarcila Ferreira; MAIO, Luciana Mourão. *Bem cultural*. In: GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia (Orgs.). *Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural*. 2. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2016. (verbetes)

IPHAN. *Educação patrimonial: Histórico, conceitos e processos*, 2014. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Educacao_Patrimonial.pdf. Acesso em abril 2023.

_____. *Manual de elaboração de Planos de Salvaguarda*. Organização: Aline Miranda, Rafael Belló Klein e Sara Santos Moraes. Brasília: IPHAN, 2022, 60 p.

_____. *Patrimônio Imaterial: fortalecendo o sistema Nacional/Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional* – Brasília: IPHAN, 2014. 174 p.

LONDRES, Cecília. *O patrimônio histórico na sociedade contemporânea*. Disponível em: http://escritos.rb.gov.br/numero01/FCRB_Escritos_1_7_Cecilia_Londres.pdf. Acesso em 14.mai.2023.

LUVIZOTTO, CK. *As tradições gaúchas e sua racionalização na modernidade tardia* [on-line]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 140 p. ISBN 978-85-7983-088-4. TEXTO: A (re)invenção da tradição no contexto da modernidade tardia.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Pensar grande o patrimônio cultural*. Lua Nova: Revista de Cultura e Política, São Paulo, v. 3, n. 2, dez. 1986. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64451986000300011 >. Acesso em: 21 out. 2014.

MOTA, Lia; REZENDE, Maria Beatriz. *Inventário* – Artigo. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Inventário%20pdf.pdf>. Acesso: 24.mai.2023.

PINHEIRO, Adson Rodrigo S. (organização). *Cadernos do patrimônio cultural: educação patrimonial*. For-

taleza: Secult: Iphan, 2015. 210p.: il. – (Série Cadernos do Patrimônio Cultural; v.1) ISBN 978-85-7334-273-4 1. Patrimônio Cultural. 2. Educação Patrimonial. 3. Políticas Públicas. I. Pinheiro, Adson Rodrigo S. II. Prefeitura Municipal de Fortaleza. III. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. IV. Título. V. Série.

POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento, silêncio*. Revista estudos históricos, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

PREFEITURA MUNICIPAL DE RIO DOCE. CELEBRAÇÕES. *Inventário de Proteção ao Patrimônio Cultural - Quadro II - ICMS*. Levantamento realizado em 2019.

PREFEITURA MUNICIPAL DE RIO DOCE. Portal: <http://www.riodoce.mg.gov.br/>. Acesso em: fevereiro e março de 2023.

REZENDE, Maria Beatriz; GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia (Orgs.). *Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural*. 1. ed. Rio de Janeiro; Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2015.

SÁTYRO MAIA, D. *A Geografia e o estudo dos costumes e das tradições*. Terra Livre, [S. l.], v. 1, n. 16, p. 71–98, 2015. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/terralivre/article/view/350>. Acesso em: 7 jul. 2023.

SCIFONI, Simone. *Paisagem cultural*. In: GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia (Orgs.). *Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural*. 2. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2016. (verbeta).

TOLENTINO, Átila B. *Educação patrimonial e construção de identidades: diálogos, dilemas e interfaces*. 2019. Revista CPC, 14(27esp), 133-148. <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4466.v14i27esp133-148>

UNESCO. *Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial*. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura; Paris, 17 de outubro de 2003. Brasília, 2003. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001325/132540POR.pdf>

_____. *Convenção sobre a Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais*. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura; Paris, out. 2005.

_____. *Declaração Universal sobre Diversidade Cultural*. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura; Paris, 2001.

Outros websites pesquisados:

<https://www.significados.com.br/tradicao/>

<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234>

<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/126/>

<http://www.iepha.mg.gov.br/>

<https://brasilecola.uol.com.br/geografia/paisagens-naturais>

<http://portal.iphan.gov.br/dicionarioPatrimonioCultural/detalhes/79/bem-cultural>

<https://pt.wikihow.com/Rezar-uma-Novena>

https://pt.wikipedia.org/wiki/Arquitetura_colonial_do_Brasil



O texto desta Cartilha foi composto em tipografia Titillium Web , corpo 11, predominantemente.
Capa impressa em papel Supremo LD 300g e miolo impresso em papel Couchê Fosco LD 115g.
Impressão - Rede Gráfica | BH | MG | Brasil